

intervençãO

ORGÃO DOS TRABALHADORES BANCÁRIOS DE ANGOLA

Direcção e Edição: S.N.E.B.A.

Distribuição Gratuita

EDITORIAL

"IntervençãO" é o Jornal dos Trabalhadores Bancários de Angola.

"IntervençãO" propõe-se ser, também, um jornal de todos os Trabalhadores.

Como órgão formativo e informativo de Trabalhadores para Trabalhadores, ele está aberto à colaboração de quantos pretendam e possam contribuir, real e honestamente, para o esforço a desenvolver pela unidade e consciencialização para a liberdade, para o progresso justo das massas trabalhadoras e para a defesa intransigente dos legítimos anseios do Povo Angolano.

"IntervençãO" é, como o nome indica, um instrumento agora necessariamente modesto, mas orgulhosamente posto ao serviço da participação activa e contínua dos Trabalhadores na construção do seu próprio destino, desse destino que não mais poderá nem deverá ser confiado, sem fiscalização nem crítica, a quem quer que seja.

Ideologicamente, "IntervençãO" defenderá sempre o princípio de que o Homem não mais deverá ser escravo do trabalho mas, pelo contrário, deverá ser o trabalho a estar colocado ao serviço do Homem, do seu progresso material e espiritual, da justiça social e, conseqüentemente, da Paz.

Na tarefa de construção de Angola independente e livre, que ardentemente se deseja pacífica, deverá caber ao Povo em geral e aos Trabalhadores em particular, a escolha definitiva dos caminhos a utilizar. "IntervençãO" procurará ser, pois, uma via de comunicação social ao serviço da formação e informação indispensáveis ao exercício pleno do direito inalienável de opção política pelos Trabalhadores.

Encarado nesta perspectiva e dentro dela apoiado sem reserva por quantos se destina a servir, o jornal atingirá, por certo, os objectivos que determinaram a sua fundação e publicação.

Desde 25 de Abril de 1974 contribuíram, valorosa e dedicadamente, para esta realização muitos camaradas trabalhadores bancários que, finalmente verão com orgulho o aparecimento do Jornal. O mérito pertence-lhes, portanto, em grande parte e a eles são devidas as homenagens de todos.

Os actuais Dirigentes do Sindicato prestam-lhas, pois, gostosamente e com o devido relevo.

A LUTA PELO PODER E A "NEUTRALIDADE" POLÍTICA dos SINDICATOS

A necessidade da luta.

A necessidade de os trabalhadores recorrerem à luta, sob as mais variadas formas, surge quando estes constatarem serem sujeitos à exploração desenfreada por parte dos capitalistas.

Temos, portanto, que o desencadear do processo de luta pelas massas trabalhadoras mais exploradas (operários e camponeses) e o seu desenvolvimento, visa acabar com o jugo opressivo do sistema de exploração capitalista e imperialista. Assim, está definido o modo como surge a necessidade da luta e o inimigo a combater.

Mas como conduzir essa luta? Da forma como for conduzida assim resultará o seu sucesso ou o seu fracasso (embora este seja sempre temporário).

Aparecem por vezes pessoas que fazem muito barulho à volta desta questão, ou seja sobre as formas de luta dos trabalhadores, mas esquecem-se (ou desinteressam-se, o que é mais grave) de aspectos fundamentais quanto ao modo de conduzir a luta das classes trabalhadoras.

Para que as classes trabalhadoras saiam triunfantes duas condições terão de se verificar: UNIDADE e ORGANIZAÇÃO fortes.

A unidade dos trabalhadores.

O problema da unidade aparece por vezes falseado. Quando se preconiza uma unidade sem princípios não se está a defender os interesses das massas trabalhadoras mais exploradas, mas sim a servir os seus exploradores. Por exemplo, quando nos aparecem pela frente pessoas a preconizar uma linha "harmoniosa" no seio de determinada classe profissional de características nitidamente pequeno-burguesas para que não haja choques, invocando a necessidade da dita "classe" estar unida na "defesa dos seus interesses", nós estaremos em presença de manhas conhecidas. O que essas pessoas pretendem (servindo os patrões de quem são lacaios) é o imobilismo daqueles trabalhadores que se revelam mais activos e que estão dispostos a lutar ao lado das massas trabalhadoras mais exploradas.

A verdadeira unidade forja-se na luta e nunca na quietude podre do "deixa andar para ver onde as coisas param". A verdadeira unidade deve ser construída no seio das massas trabalhadoras mais exploradas (os operários e os camponeses) que aliados às forças revolucionárias constituirão a vanguarda da luta pelo fim da opressão e da exploração.

Neste momento em Angola o principal perigo para as massas trabalhadoras angolanas é o das forças imperialistas conseguirem neocolonizar o país. Por isso deverá ser estabelecida uma unidade anti-imperialista abrangendo mesmo aqueles que identificados com interesses pequeno-burgueses são, no entanto, mobilizáveis para o combate anti-imperialista, dado que também eles sofrem a opressão e a exploração, embora de forma atenuada. Porém, em relação aos que conscientemente assumem posições reaccionárias nós não devemos iludir-nos com unidades imaginárias. Se o fizermos estaremos a trair os interesses últimos das classes trabalhadoras mais exploradas. Esses reaccionários conscientes - mais identificados com os interesses do patrão que também os explora do que com a luta dos trabalhadores angolanos mais explorados - devem ser desmascarados e combatidos, única forma de fortalecer a verdadeira unidade.

A necessidade dos trabalhadores estarem organizados.

Há outro aspecto a ter em conta, a par da necessidade dos trabalhadores lutarem pela unidade: é a necessidade de organização. Estes dois aspectos são fundamentais e estão interligados. A unidade forja-se na luta, mas se os trabalhadores não estiverem organizados essa luta não irá além de formas primárias.

Somente organizadas as massas trabalhadoras estarão em condições de con

duzir a sua luta para formas superiores e sair vitoriosas do combate ao poder da burguesia, única beneficiária da exploração colonialista, neocolonialista e imperialista.

A luta das massas trabalhadoras é uma luta política.

Esta luta contra o poder da burguesia, conduzida pelas classes trabalhadoras fortemente unidas e organizadas, levará necessariamente à conquista do poder político e económico. Só dominando o aparelho do Estado será possível às forças populares criarem as condições para que as maiorias exploradas deixem de o ser e estas condições somente poderão ser criadas com a instauração de um regime de Democracia Popular.

Assim, teremos que a tão divulgada "neutralidade" política dos sindicatos (se estes são de facto órgãos representativos dos trabalhadores) não existe. A insistir-se nela será uma pseudo-neutralidade, pois isso servirá unicamente os interesses dos inimigos das massas trabalhadoras.

Vejamos então o que acontece quando os "dirigentes" sindicais continuam a escudar-se na "neutralidade" política. Primeiro, estão a admitir que os sindicatos fabricados pelo corporativismo eram neutros em relação à política e não serviam o fascismo e o colonialismo. Segundo, se persistem em manter-se alheios da realidade política, isto é, se esses "dirigentes" se dedicarem a uma actividade meramente burocrática, estarão a dificultar as possibilidades de as massas trabalhadoras se organizarem.

A verificar-se uma situação destas interessa chamar a atenção daqueles que neste momento têm uma maior consciência da necessidade histórica da luta de classes para a urgência de assumirem a direcção da luta, desmascarando os burocratas oportunistas e apoderando-se das direcções dos sindicatos. Não podemos ignorar que os sindicatos devem ser aproveitados pelos trabalhadores como forma de se organizarem e nunca deverá ser permitido que as direcções se aproveitem deles para aí buscarem "democraticamente" o aval das massas trabalhadoras para fins que não servem essas massas. A partir dos sindicatos deve fazer-se uma mobilização dos trabalhadores no sentido de estes se iniciarem no exercício do poder popular.

□

Unidos e Organizados
OS TRABALHADORES
VENCERÃO

Discute e Critica
os Assuntos Tratados no
NOSSO JORNAL



PATRÕES E GREVES

A reacção e o capital, tradicionais aliados, desenvolveram últimamente um ataque cerrado aos trabalhadores angolanos, condenando-os indiscriminadamente pelas greves que muito justamente têm desencadeado face à prepotência e exploração que o Capital pretende continuar.

Aproveitaram para isso declarações de alguns representantes de Movimentos de Libertação, declarações essas que alguma imprensa reaccionária utilizou para tirar ilações que de forma nenhuma se inserem no seu contexto.

Recordamo-nos de ler de imediato num matutino Luandense, pertença de um grupo financeiro (leia-se explorador) ligado aos Bancos, aproveitando para embandeirar em arco: "Cã em casa sempre fomos contra as greves..." Pudera!...

Os empresários Angolanos (!) ficaram alarmados -e talvez tivesse as "suas" razões- com as greves que se desencadearam nas diversas actividades. A "mina" estaria a acabar?...

Porém essas greves são antes de mais o grito de revolta dos trabalhadores fartos de viver (!) nos limites da subalimentação e do subdesenvolvimento físico e social.

Não se podem acusar os trabalhadores de estarem a prejudicar a economia angolana pois, se essa economia não estiver voltada (e nunca esteve) para a satisfação das necessidades e do bem estar do Povo Angolano, para quem e para quem serviu, ou serve, essa economia? -Onde estão, onde vivem os grandes capitalistas exploradores que dizem amar Angola?

Afirmou-se na Assembleia da Associação Industrial de Angola que os empresários barraram o caminho do caos à economia de Angola. Economia de quem?

Deixem-se, meus senhores, de chavões e slogans ôcos que, além de não enganarem ninguém, são os mesmos que serviram durante longos anos para trazer os trabalhadores angolanos contratados, vendidos, esfomeados. Mudem de tática. - Que interesse poderão ter os trabalhadores angolanos numa economia que só beneficia os patrões?

Por isso é que os trabalhadores fazem greve; para comer duas vezes por dia; para viver numa casa onde não chova; para mandar os filhos na escola. Os trabalhadores só querem isto. O caos económico, a sabotagem, procurem-nos por aí, não deve ser difícil encontrá-los comodamente sentados nalgum conselho de administração.

Se empresas há que não conseguem satisfazer as justas reivindicações dos seus trabalhadores, isso apenas prova a injustiça e ilegitimidade de um governo que permitia o funcionamento dessas empresas, sem que estivessem salvaguardados os elementares direitos dos trabalhadores. Por outras palavras: Essas empresas só sobreviviam porque beneficiavam da semi-escravatura dos trabalhadores. Aquelas que defendem os "sagrados direitos do lucro" nestas condições são concertemente algo mais que sabotadores.

Vociferando pretensos tratados de economia contra a greve que põe em causa a economia deles, os patrões estão inconscientemente (!) a mostrar a verdadeira cor da sua face(ista), e carpir saudades por um regime apoiado numa PIDE que perseguia os trabalhadores e todos os que lutavam pela verdadeira liberdade do Povo. -Política e económica.

Não sabemos se têm saudades do regime, se da PIDE.

□

DO CAPITAL

O capital se o incomodam ameaça que se vai embora. Não gosta de ser perturbado.

O capital faz guerras e colhe lucros. Por aí fica o seu dever.

O capital andou na guerra de Angola. Como voluntário. Aliás foi dele que nasceu porque a fez. Voluntariamente. E arrecadou vantagens. Ele e os seus aliados. Não consta que mais alguém.

A palavra "fascismo" a quem todos deitam agora as culpas é uma palavra. Oito letras. Atrás dela, palavra, e delas, letras, estão interesses do capital. É isso o que "fascismo" quer dizer. Por curiosidade esse pormenor, que não é pormenor antes o fundo da questão, anda muito esquecido.

Os bancos simbolizam o capital. Exemplo vivo de como se realizam lucros com o trabalho dos outros, de como se pega na riqueza duma terra e se faz em trega dela a uns poucos.

Os bancos de Angola são um exemplo especial. Montaram-se sem importar capitais, ou se importaram foi muito pouco. Quase tudo o que têm é de Angola, salvo se a lógica for uma batata. Fizeram-se à custa de habilidades, de jogos malabares, de... pois claro, do fascismo.

Ora eles que há uns meses corriam todas as portas a oferecer dinheiro, esqueceram-se dos números das portas. Também de nada serviria a lembrança por que já não sabem bater. Deu-lhes a amnésia. Fazem hoje, que é tempo de entrarem directamente na luta, como os meninos filhos de pai credenciado quando chegava a sua vez de combater: baixam à psiquiatria a tentar uma safa. Entretanto aguardam melhores dias. Para eles.

Não podem lutar, não podem arriscar, não podem perder dinheiro. Nem um só ano que seja, eles que durante anos e anos ganharam milhares e milhares de contos todos os anos.

É a paga que dão a Angola. O agradecimento. Desencorajam iniciativas, afogam empreendimentos, recusam-se.

(Rola da Silva - in "A Provincia de Angola" de 10/11/74)

REACÇÃO

"Mas afinal quem é a reacção?

Será um monstro escondido que nunca aparece e de quem muito se fala?

Não.

A reacção são eles, capitalistas, que exploram agora usando o cravo na lapela como exploravam antes, com um polícia perto de si".

(in Comércio do Funchal de 28/11/74)

ALIANÇA REVOLUCIONÁRIA

UM POVO QUE OPRIME OUTROS
POVOS NUNCA PODERÁ SER LIVRE

Na solução da questão nacional o leninismo parte das seguintes teses:

a) O mundo está dividido em dois campos: de um lado uma ínfima minoria de nações civilizadas que detêm a quase totalidade do capital financeiro e explora o resto da população do globo; do outro, os povos oprimidos e explorados das colônias e dos países dominados, que formam a maioria da população;

b) As colônias e os países dominados e explorados pelo capital financeiro constituem uma imensa reserva para o imperialismo;

c) É somente através da luta revolucionária contra o imperialismo que os povos oprimidos dos países colonizados e dominados conseguirão libertar-se do jugo e da exploração;

d) Os principais países dominados entraram já na via do movimento libertador nacional, que deve infalivelmente conduzir à crise do capitalismo mundial;

e) Os interesses do movimento proletário nos países avançados e do movimento nacional nas colônias exigem que esses dois movimentos revolucionários façam frente única contra o inimigo comum, o imperialismo;

f) A vitória da classe operária nos países avançados e a libertação dos países oprimidos pelo imperialismo são impossíveis sem a formação e a consolidação de uma frente revolucionária comum;

g) A formação de uma frente revolucionária comum só é possível se o proletariado dos países opressores apoiar directa e resolutamente o movimento de libertação nacional dos povos oprimidos contra o imperialismo da metrópole, porque "um povo que oprime outros povos não poderia ser livre" (Marx).

h) Este apoio consiste na defesa e aplicação do direito das nações à separação da metrópole, constituindo-se em estados independentes;

i) Sem a aplicação deste princípio, é impossível realizar a união das nações numa economia mundial única, base material da vitória socialista;

j) Esta união só pode ser voluntária, baseada na confiança mútua e nas relações fraternais dos vários povos.

ESTALINE - BASES DO LENINISMO
(in Angolense)

SOBRE A GREVE DOS BANCÁRIOS



ANTECEDENTES

A greve levada a efeito pelos trabalhadores bancários, tem sido um episódio explorado sob diversas facetas quer pelos órgãos de informação, quer pelo público em geral e até por alguns trabalhadores bancários. Se é certo que somos realistas ao ponto de termos a certeza que a discussão acerca da nossa greve não acabará tão cedo, também acreditamos que se se fizer um esclarecimento global sobre as suas circunstâncias e implicações poreremos fim a algumas dúvidas que poderão existir.

Ao contrário do que ingenuamente se possa pensar a greve dos bancários não nasceu de um dia para o outro, e só não se apercebeu dos seus antecedentes quem dentro da classe andava muito distraído.

Ao contrário do que também já foi afirmado por aí, a greve dos bancários não foi fomentada, até porque, na verdade, isso não seria necessário uma vez que as condições, que normalmente são necessárias para que uma greve com as características da greve dos bancários surja, estavam criadas.

Recordemos os antecedentes remotos e próximos.

Como é do conhecimento geral dos trabalhadores bancários, o Acordo Colectivo de Trabalho foi vivamente contestado em Assembleias Gerais bem como foram sempre criticados os métodos utilizados pelos Bancos quando da sua negociação.

Existia portanto entre os Bancos e os seus trabalhadores um litígio anterior cujos efeitos estavam bem patentes no dia a dia dos trabalhadores (o ACT tinha seis meses de vigência).

Derrubado o regime corporativista de Salazar e Caetano que permitiu ao patronato abusos de vária ordem sobre os trabalhadores, os bancários foram dos primeiros que em Angola lutaram pela mudança de estruturas beneficiando da organização relativa do seu Sindicato.

Assim, o seu primeiro acto nesse sentido foi reestruturar a partir de cima o próprio Sindicato. Em Assembleia Geral de 2 de Maio de 1974 foram demitidos todos os corpos dirigentes, medida esta que deve ser compreendida à luz da ilegitimidade da sua eleição-nomeação, e não segundo um prisma de ataque a esses dirigentes enquanto idôneos.

Entretanto, a par desta actividade de democratização do Sindicato desenvolvia-se paralelamente uma outra que foi o germe que desencadearia a greve em 14 de Junho.

COMISSÕES DE EMPRESA

Analisemos esta actividade.

Apareceram em quase todos os Bancos comissões de trabalhadores que elaboraram cadernos reivindicativos e deles fizeram entrega aos respectivos patrões sem conhecimento do Sindicato.

Recorde-se mais uma vez que o próprio Sindicato iniciava a sua reestruturação e não tinha meios para apoiar tecnicamente estas comissões cuja existência por vezes desconhecia.

As respostas dadas pelos Bancos a estas comissões, em vez de encararem de frente os problemas apresentados, eram de natureza subjectiva e por vezes moralista. Perante estas respostas esboçaram-se nalguns Bancos tentativas de paralização de trabalho desarticuladas.

Alertado por estes factos, o Directório, acabado de eleger, reuniu-se com essas comissões a fim de poder encaminhar e conduzir vários processos desarticulados e nalguns casos contraditórios, de forma a auscultar os anseios dos trabalhadores e transformar os vários cadernos reivindicativos num único caderno reivindicativo, que incidisse apenas sobre os pontos de flagrante injustiça e discriminação, deixando para posterior revisão do ACT tudo o que carecesse de estudo e discussão ponderada.

Foi segundo esta perspectiva que se exigiu e conseguiu uma melhoria sensível nos vencimentos do quadro do pessoal auxiliar bem como a equiparação dos períodos de férias, horários, subsídios de férias, abono de família e quase a igualdade dos subsídios de renda de casa.

Conseguido o acordo de todas as comissões, foi elaborado o caderno reivindicativo incidindo sobre aqueles pontos e entregue às Entidades Patronais.

O CONFLITO

As respostas dos Bancos foram de forma geral desconcertantes e frustraram as intenções do Directório ao elaborar esse caderno reivindicativo. -O Directório, ao fazer as reivindicações, teve em mente acabar com a ameaça de greve que existia nalguns Bancos motivada pelas respostas dadas às Comissões-.

Admitimos que as Administrações dos Bancos não estivessem a par dessas ameaças, e portanto não tenham compreendido os inconvenientes de uma resposta dilatória. Todavia a sua resposta não deixou ao Directório possibilidade de prosseguir com o processo negociado.

Houve um Banco que chegou ao exagero de referir na sua resposta que, como não havia nenhum trabalhador desse Banco no Directório do Sindicato, duvidava da legitimidade do Directório para representar os seus trabalhadores. Os outros Bancos afirmavam que desejariam ser esclarecidos quanto ao número de assinaturas que devia ter o caderno reivindicativo (levava oito) e mais algumas anedóticas considerações académico-jurídicas.

Como vários membros do Directório tinham sido consultados pelas respectivas Administrações, elucidando-as sobre as suas pretensas dúvidas, concluiu o Directório que estava perante manobras tendentes a boicotar não só o caderno reivindicativo, como possivelmente todo o trabalho de renovação sindical, que se vinha desenvolvendo, pois doutra forma não se compreenderiam as "dúvidas" em relação a um documento emanado do Órgão legítimo e legal do Sindicato (Diploma Legis-

lativo Ministerial nº2, Artº 2º, Boletim Oficial de Angola I Série de 24 de Maio de 1974).

Foi elaborado pelo Directório um comunicado, saído na imprensa a 13 de Junho, repudiando o teor das respostas dos patrões, pois o Sindicato não podia de forma nenhuma transigir perante tal tipo de provocação.

Com base neste comunicado, apareceu em quase todos os Bancos na manhã do dia 14 um panfleto (não emanado do Sindicato) convidando os trabalhadores a entrar em greve, para forçar os Bancos não só a satisfazer as reivindicações, como reconhecer, incondicionalmente os representantes dos trabalhadores bancários - (Directório).

Reconhece-se assim que para eclosão da greve dos bancários, vários factores se proporcionaram, e, da responsabilidade dos seus efeitos e desencadeamento, cabe grande parte ou a totalidade aos Bancos pela forma leviana, pouco atenta e nada democrática como trataram repetidamente os seus trabalhadores e representantes.

Mas continuemos.

INICIO DA GREVE

Com o conhecimento do comunicado do Directório a classe agitou-se e, na tarde do dia 14 de Junho, paralizou o trabalho dirigindo-se para o Sindicato onde se constituiu em Assembleia Magna. Ouvida essa Assembleia e conhecidas as suas deliberações - decreto de greve até resposta ao caderno reivindicativo - o Directório, que não estava preparado para essa tomada de posição, procurou coordenar essas deliberações e solucionar a crise. Entrou em contacto com as entidades patronais, pediu que se reunissem e fosse indicado o local de negociações que o Directório estava pronto ao diálogo.

Isto não evitou que esse mesmo Administrador que manteve o contacto declarasse mais tarde, num programa de rádio já extinto, que os patrões tiveram medo de se deslocar ao Sindicato. O que se pediu foi que fosse indicado um local para reunião.

NEGOCIAÇÕES

Na manhã de sábado dia 15 de Junho -primeiro dia de greve com efeitos no público- perante o silêncio dos Patrões, o Sindicato contactou o Movimento das Forças Armadas expondo o impasse que os patrões provocaram recusando-se ao diálogo e pediu os préstimos do MFA no sentido de proporcionar essas condições de diá-



"... repressão por esclarecer ..."

logo.

É de notar que este facto sintomáticamente nunca foi realçado pela imprensa. Por isso se declara e se chama a atenção de que a iniciativa para acabar (solucionar) o conflito partiu do Sindicato, e foi necessária a intervenção do MFA para obrigar os Patrões a sentarem-se à mesa das negociações.

Registem-se pois os bons ofícios do MFA que possibilitaram nesse mesmo dia um encontro com as Entidades Patronais e que abriu o caminho para a solução do conflito. Foi garantido ao Sindicato que seria dada uma resposta dentro de alguns dias.

A Assembleia Geral, posta ao corrente do teor desta reunião, temendo mais uma vez ser ludibriada pelas "respostas" dos patrões, determinou que a greve só terminaria quando as reivindicações fossem satisfeitas.

Recorde-se que o clima de desconfiança existente entre os trabalhadores bancários e os patrões tem as suas bases, como já foi dito, nas sucessivas tro-pelias impunemente cometidas ao longo dos anos pelos senhores banqueiros, e não só.

DIFAMAÇÃO E INTIMIDAÇÕES

Entretanto os nossos patrões capitalistas, senhores de muitos recursos e trunfos de manga, utilizaram durante este processo todo o seu arsenal de combate contra os trabalhadores, nomeadamente a sua influência e dinheiro através de órgãos de informação escrita e falada, dos quais alguns existem apenas para servir os interesses do seu grupo financeiro, grupo de que também fazem parte.

A repressão policial junto ao Banco de Angola ainda está por esclarecer, pois não foi enviado ao Sindicato qualquer ofício justificativo. Talvez seja necessário para compreender esse facto saber que nessa altura alguns fascistas em feitavam ainda as elites governativas de Angola e cujas ligações com a alta finança eram bem patententes.

SOLUÇÃO DO CONFLITO

Após a recepção da resposta dos Bancos, tarde de 18 de Junho, e depois duma Assembleia Geral explosiva em que as opiniões se dividiram sobre se essa resposta seria suficientemente válida que justificasse a suspensão da greve, a maioria pronunciou-se pelo retorno ao trabalho. Seguiu-se um período de negociações para o encontro da solução dos problemas ainda por resolver.

Tinha acabado de facto a greve dos bancários que durante quatro dias concentrou as atenções gerais e provocou as reacções mais díspares.

RESULTADOS DA GREVE

Para os trabalhadores bancários a greve foi sobretudo uma forma de solidariedade para com os camaradas das classes (letras) mais inferiores, particularmente considerados no caderno reivindicativo.

As diferenças existentes nos horários, nas férias, nos abonos de família, eram uma forma de discriminação. Ao lutarem pela sua abolição os trabalhadores lutaram por uma causa justíssima.

Os nossos patrões, ao imiscuirem-se nos assuntos do Sindicato - duvidando da legitimidade do seu órgão representativo - provocaram deliberadamente os trabalhadores. A resposta dos trabalhadores bancários foi dura mas legitimada por todo um passado de menosprezo cujos padrões os Bancos não pretendiam abandonar.

EFEITOS NEGATIVOS

Muito se especulou sobre os malefícios da greve dos bancários. Explorou-se sobretudo, e demagógicamente, a possibilidade de trabalhadores assalariados não terem recebido ao sábado, dia em que hipoteticamente seriam levantados os seus salários.

É de referir que o Sindicato solucionou alguns problemas que lhe fo-

ram postos (transferências para viagens, etc.,) e muito se lamentou e até estranhou que não lhe tivesse sido presente qualquer folha de pagamentos uma vez que se divulgou que casos urgentes deveriam ser dirigidos para o Sindicato.

Portanto, se é verdade ter havido trabalhadores que não receberam a sua fêria sob aquela desculpa, cabe-nos apenas perguntar se não foram "desculpas de maus pagadores".

ERROS COMETIDOS

Durante todo o processo da greve dos bancários houve erros que terão que ser encarados e criticados com coragem, para que os trabalhadores não voltem a cometê-los.

De salientar que a maioria dos erros eram absolutamente inevitáveis dada a falta de estrutura do Sindicato. Sobre estes, embora os citemos, não iremos de forma nenhuma atribuir a sua responsabilidade a quem quer que seja, a não ser a toda a orgânica montada pelo regime fascista.

Incluem-se neste tipo de falhas a inexistência de uma comissão de informação, comissão de coordenação de greve, etc.. É certo que alguns associados se ofereceram para desempenhar tarefas semelhantes; porém, dadas as implicações inerentes a elas, não foi possível ao Directório aceitar improvisações deste género.

Fácilmente se compreenderá a dificuldade de controlar uma greve que se estendeu a toda Angola. A inexistência de delegações nos vários pontos do Estado, bem como a impossibilidade de contactos permanentes, foram situações que impediram a divulgação promenorizada para o interior dos problemas em causa.

Além disso houve Bancos que, através dos seus "telex", tentaram sabotar e confundir a solidariedade dos trabalhadores das agências informando-os maliciosamente com falsas notícias, visando abrir brechas na união dos trabalhadores.

A mobilização dos trabalhadores durante o período de greve, foi até certo ponto passiva e só uma relativa minoria se capacitou da necessidade de manter uma correcção de atitudes e propósitos que estavam subjacentes ao estado de greve. Se é certo que não se poderá exigir a todos os trabalhadores um igual grau de politização e conhecimento dos problemas globais, deve haver sempre a preocupação dos elementos responsáveis para traçar directrizes correctas de actuação.

A GREVE DOS BANCÁRIOS NO CONTEXTO ANGOLANO

Dadas as características pequeno-burguesas dos bancários, pretendeu certa corrente de opinião ofuscar (conspurcar) as suas atitudes utilizando demagogicamente o termo de "classe privilegiada".

Os trabalhadores bancários foram sobretudo violentamente atacados pelos porta-vozes da reacção e do capital, para os quais foi incompreensível que trabalhadores "mimados" pela estrutura colonial, fossem dos primeiros a atacar essa mesma estrutura e repudiar os valores que a sustentavam.

Quando certa informação, nomeadamente certa imprensa burguesa controlada pelos grupos capitalistas, ataca a característica pequeno-burguesa dos bancários, como se essa característica constituísse obstáculo à identificação de princípios e objectivos com as massas mais exploradas, esquece (?) essa imprensa a exploração alienante que sempre atingiu a pequena-burguesia local.

Não há nenhuma impossibilidade prática para que trabalhadores da pequena-burguesia (bancários, funcionários, escriturários, etc.) tracem as suas directrizes e lutem ao lado dos trabalhadores mais explorados contra a exploração Capital-Imperialista. A ditadura colonial-fascista, defensora declarada do capital, nunca permitiu que os trabalhadores se organizassem livremente e pudessem unidos defender os interesses da classe trabalhadora.

Liquidado esse inimigo dos trabalhadores, o fascismo, continuam os seus "saudosos" defensores a tentar dividir os trabalhadores em privilegiados e não privilegiados, dificultando assim a união de todos os EXPLORADOS.

Os trabalhadores bancários demonstraram nas suas posições várias vezes assumidas, que repudiam qualquer tentativa de divisão dos trabalhadores e apelam para a vigilância às manobras do Imperialismo Capitalista, inimigo principal dos trabalhadores dos países subdesenvolvidos como Angola.

CONCLUSÃO

Da análise dos factos conclui-se que a greve dos bancários só existiu devido à ligeireza com que as Administrações dos Bancos (todas em Portugal) trataram sempre os trabalhadores. De facto não foi difícil aos Dirigentes Sindicais provar a justiça dos pontos de vista realmente em causa, e é oportuno referir que após o início do diálogo com os representantes dos Patrões, estes concordaram sem muita relutância com a maioria das questões apresentadas. Donde necessariamente se deduz que não terá havido inicialmente, pela parte dos Bancos a preocupação de encarar frontalmente os problemas apresentados, sossegados por um aparente immobilismo dos trabalhadores.

Por tudo isto não nos restam dúvidas (nunca as tivemos), de que a responsabilidade da greve só pode ser atribuída a uma das seguintes possibilidades:

1 - Falta de competência administrativa e de gestão das Administrações (ou seus representantes), carecendo de elementos dinâmicos e capaz de responder construtivamente aos problemas relacionados com os trabalhadores.

2 - Tentativa reaccionária do Capital para boicotar a linha democrática iniciada pelo Sindicato dos Bancários.

O diabo que escolha.



"... Unidos defendendo a classe trabalhadora ..."

□

ESCLARECIMENTO

Atrasos derivados da impressão do Jornal, fizeram com que alguns textos perdessem alguma da sua oportunidade. Do facto pedimos desculpa.

A Comissão de Informação

HAIR



in Comércio do Funchal

QUE CONTESTAÇÃO?

A população de Luanda, isto é, aquela população que se pode dar ao luxo de pagar bilhetes caríssimos, teve a oportunidade de ver um espectáculo que foi famoso: "HAIR".

Não nos iremos debruçar sobre os aspectos técnico-teatrais do espectáculo. Debruçar-nos-emos apenas sobre a característica contestatária largamente propagandeada.

O que é que "HAIR" contesta? A mentalidade alienada e puritana da média burguesia americana, vítima de uma propaganda que falseia os valores humanos não só dos americanos mas sobretudo dos restantes povos do mundo.

Porém, os responsáveis por "HAIR", ao tentarem mostrar um espectáculo disfarçando-o com uma embalagem pseudo-revolucionária, estão inconscientemente (?) a contribuir para perpetuar essa alienação dado que não desenham alternativas realistas. Na verdade nada se pode contestar com coerência e sobretudo com consequência, sem se apresentar um modelo que possa substituir com vantagem o modelo contestado. Possivelmente os responsáveis por "HAIR" não estarão interessados em alterar o modelo...

"HAIR" é ainda um produto (artístico) duma sociedade podre. Muito bonito (ou não?), muito jovem (logo atraente), mas pouco ou nada contesta. Não se pode contestar a guerra do Vietnam com LSD ou Marijuana. Isto é dar trunfos aos "falcões" do Pentágono; É alienar ainda mais a juventude americana subtraindo-lhe as directrizes correctas.

A juventude dos Estados Unidos e o povo em geral, para tomarem nas suas mãos os destinos da sua pátria (hoje esses destinos são comandados pelas grandes empresas multinacionais), terão que se apoiar em posições concretas de luta eficaz e contínua para acabar com a exploração dos trabalhadores americanos-há vários milhões que passam fome- e pôr fim à exploração que as multinacionais mantêm sobre o "terceiro mundo".

Nesta ordem de ideias, "HAIR" é ainda um espectáculo alienante porque desprovido de raízes efectivamente populares. Põe apenas em causa aspectos superficiais do "american way of life", que é como quem diz, a forma de explorar os outros sem dar nas vistas.

Ferreira Marques

□

DOMINAÇÃO-EXPLORAÇÃO

A divisão capitalista do trabalho, com a separação trabalho manual-trabalho intelectual, trabalho de execução e trabalho de decisão, produção e gestão, é tanto uma técnica de dominação como uma técnica de produção. Afirma-se que a dominação é necessária para maximizar a produção. É falso. A dominação é necessária para maximizar a exploração, isto é, para fazer servir o máximo possível de trabalho fins que não são os do trabalhador mas sim os do capital.

(Andre Gorz)

QUAL A TUA PAZ?

"... A Paz que o camponês deseja, será a mesma do latifundiário da área onde ele moureja? A Paz do contínuo de uma qualquer repartição será a mesma do alto ou médio funcionário? A Paz do empregado de balcão, mal saído de uma serra beirã, mal pago, mal dormido e trabalhando cerca de 11 horas por dia, será a mesma que o patrão-fubeiro almeja para enriquecer? A Paz pela qual se bate (agora...) o soldado português será a mesma que baila na mente dos dirigentes das associações económicas cá do sítio? (...)

(...) Não lhe vou responder demagógicamente que é muito fácil construir essa Paz em Angola, e já. Vou até advertí-lo honestamente que será muito difícil erguê-la e que levará gerações, a nossa, a dos nossos filhos e, se calhar, até a dos nossos netos.

Mas para que ao menos os nossos netos já possam ter uma Paz concreta, possível, humana, digna, tens tu leitor de escolher a tua... Paz!

(in ABC Nº 9)

INTERVENÇÃO

"Intervenção" é o jornal dos trabalhadores bancários, mas pretende-se aberto à participação activa de todos os trabalhadores bancários ou não.

Lançamos, portanto, o nosso apelo a todos os trabalhadores no sentido de nos enviarem colaboração, pois que só assim poderemos fazer um jornal dos trabalhadores para os trabalhadores.

Entendemos ser necessário neste momento que a luta das massas trabalhadoras em Angola seja apresentada dentro de perspectivas correctas, sem a deformação com que a imprensa da burguesia colonialista sempre apresentou essa luta.

Esperamos, assim, que os nossos camaradas operários e trabalhadores doutras empresas participem activamente em "Intervenção", dando a conhecer a todos os trabalhadores as lutas que estejam a ser conduzidas contra aqueles que ainda não desistiram de continuar a explorar-nos.

A COMISSÃO DE INFORMAÇÃO

A MENTIRA DO TÍTULO

Sob o título - BANCÁRIOS CONVIDADOS A NOVA CONCEPÇÃO DE VIDA - publicou o jornal "O COMÉRCIO" de 28/11/74 a seguinte notícia:

"Beira, 27 - O governador do distrito da Beira teve uma reunião de trabalho com os bancários locais. Alberto Cangeia de Mendonça afirmou nessa reunião que a Frelimo nunca DECLAROU GUERRA AOS CAPITALISTAS, MAS CONVIDA-OS A TER NOVA CONCEPÇÃO DE VIDA ..." (O sublinhado é nosso).

É patente a provocação do título; senão respondam-nos os senhores (mandões) de "O Comércio". Quem são os capitalistas? Os trabalhadores bancários ou os donos de "O Comércio", senhores de Bancos, Siderúrgias, Cimentos, Seguros, Cervejeiras, etc.. Quem são os capitalistas?

Evidentemente que não convém a esse jornal dizer em título que a Frelimo CONVIDOU OS CAPITALISTAS A TER NOVA CONCEPÇÃO DE VIDA, é muito mais conveniente dizer que a Frelimo convidou os bancários a essa mudança mesmo que para isso seja preciso mentir descaradamente.

Se nós desconhecêssemos (e a Frelimo também deve saber) as tomadas de posição reaccionárias que o banqueiro João Raposo de Magalhães tem assumido nesse jornal, nomeadamente o apoio que "fascistamente" deu à tomada do Rádio Clube de Moçambique por um grupo de gangsters (Pides libertados e quejandos), ficaríamos admirados com as mentiras que esse jornal se permite escrever. Porém sabemos muito bem que esse jornal apenas se publica para servir os interesses Político-económicos do capitalismo em geral e do Grupo Champalimaud em particular, e, dentro da sua "coerência" capital-imperialista, não perde oportunidade para atacar os trabalhadores mentindo como e quando lhe apetece.

Tudo muito claro...

ENVIA A TUA COLABORAÇÃO
PARA A
COMISSÃO DE IMPRENSA DO
SINDICATO

Caixa Postal nº 5386 - Luanda

A Luta dos Trabalhadores

N O M U N D O

PORTUGAL - Trabalhadores do Banco Espírito Santo contra as "Surdas"

Revoltando-se contra um sistema arbitrário e repressivo de distribuição de subsídios anuais, os trabalhadores bancários do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa iniciaram um processo reivindicativo com vista à abolição de tão nefasto sistema de capatazia.

Insistem os trabalhadores que os montantes destinados a essa forma aviltante de gratificação devem ser distribuídos equitativamente a todos os trabalhadores, acabando de uma vez para sempre com a subserviência dos Chefes e Directores que se deixavam subornar pelas Administrações visando uma maior exploração dos trabalhadores.

Um exemplo a seguir em Angola onde o mesmo método tem sido utilizado e maneado sem qualquer critério de justiça.

ESPANHA - Trabalhadores contra o regime fascista de franco

Os trabalhadores espanhóis estão lutando heróicamente contra o último reduto fascista que na Europa se mantém no poder. O povo Espanhol, vítima de uma das ditaduras mais ferozes e repressivas, vive paredes meias com o povo português libertado em 25 de Abril de um regime semelhante.

Encorajados com as vitórias que o povo português alcançou contra os seus carrascos, em Espanha, "onde se grita Portugal como quem grita Liberdade", os trabalhadores desenvolvem uma luta singular contra o regime de Franco.

Mineiros, operários das mais diversas actividades, bancários, todos os trabalhadores estão unindo esforços para derrotar o seu inimigo comum. A greve dos bancários estendeu-se às principais cidades espanholas.

Unidos os trabalhadores vencerão.

PORTUGAL - Saneamento das instituições bancárias

Segundo noticiou o Diário de Luanda de 17 de Dezembro, os trabalhadores do Banco Português do Atlântico exigiram o saneamento dos Drs. Trigo de Negreiros e Oliveira Dias, respectivamente secretário geral e assistente da administração daquele Banco.

O Banco Português do Atlântico tem como seu afiliado em Angola o Banco Comercial de Angola. Este mantém ainda na sua Administração como vice-presidente, o antigo Ministro das Corporações do regime fascista de Salazar, Gonçalves de Proença, que usou e abusou do seu cargo contra os trabalhadores.

Os bancos devem estar ao serviço do povo e não podem ser administrados pelos inimigos do povo...

NATAL!



Nasceu um dia um Homem.
Foi em Belém, como podia ter sido no Cuando-Cubango,
em Trás-os-Montes ou no Himalaia.
Nasceu um Homem; e só poderia ter nascido no seu "habitat"
natural: A Terra.

Esse Homem ensinou a paz, colocou-se ao lado dos escravos,
dos oprimidos, dos explorados.
Então, tal como hoje, os que exploravam, que oprimiam, que escraviza-
vam, não poderiam ficar indiferentes perante quem
consciencializava (politizava) da Verdade os seus semelhantes.
E não ficaram. Crucificaram-no.

Porém, à semelhança do que fazem determinados regimes políticos, er-
guendo estátuas a título póstumo àqueles que combateram em vida, tam-
bém os dominadores utilizaram e utilizam o seu nome para prender, tro-
car e matar os "filhos dilectos do Filho do Homem"

"É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do
que um rico entrar no Reino dos Céus", ou:
A acumulação e manipulação da riqueza por uma minoria em
prejuízo de uma maioria constitui um crime condenado por
todos os Homens que escreveram a verdadeira História do HOMEM.

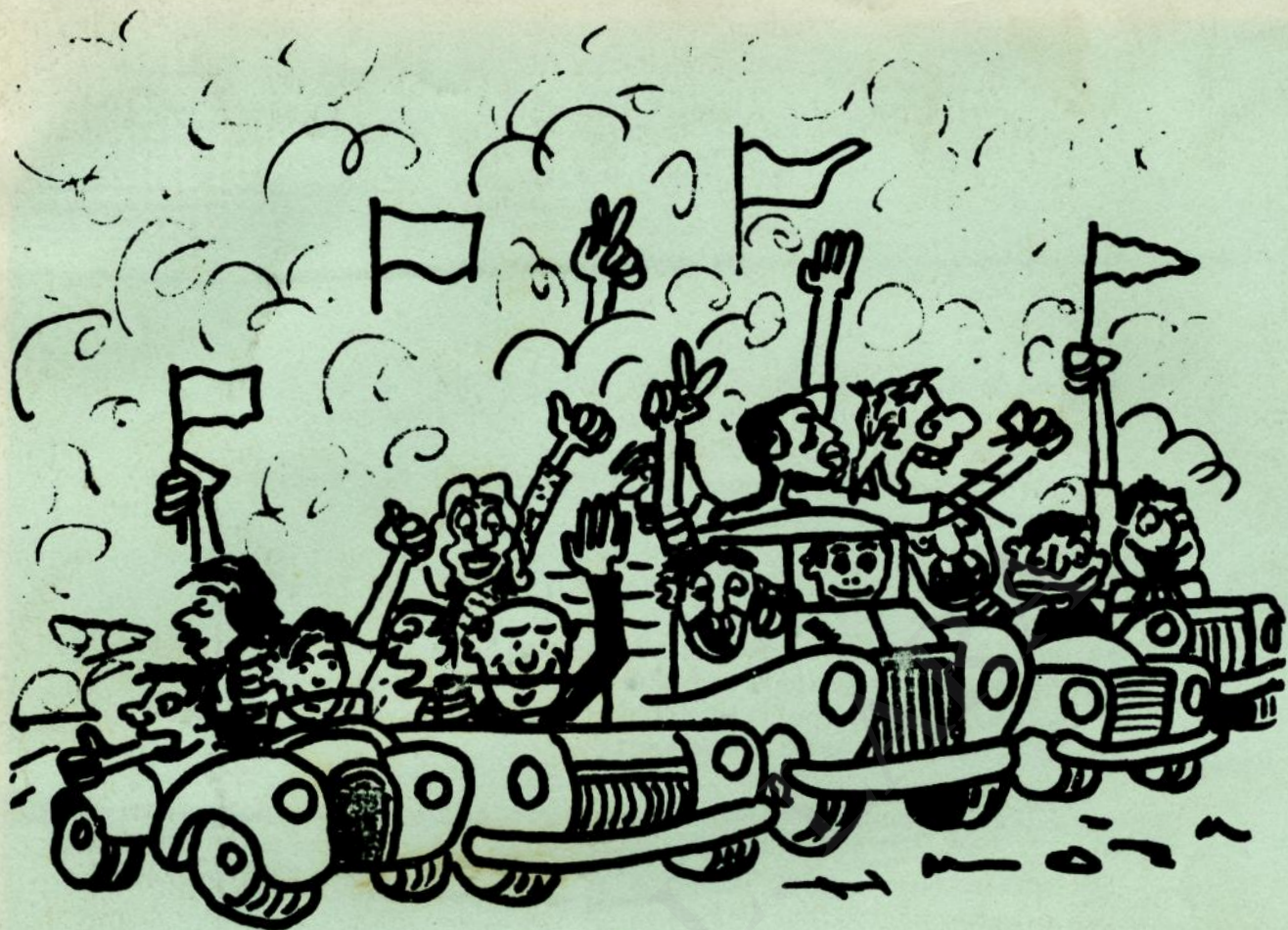
"A César o que é de César..." Estará aqui a propriedade privada?
Esta expressão tem sido utilizada para "abençoar" alguns
negócios e regimes desumanos. A própria Igreja Católica,
ou antes, a maioria dos seus altos responsáveis, que parecem
cada vez mais divorciados dos preceitos e exemplos do Mestre,
utiliza amiudadamente esta expressão para se desligar da respon-
sabilidade de solidariedade com os oprimidos.
Aprenderam muito bem a lição de...Pilatos.

Há vinte séculos foi morto um Homem enquanto outro "lavava daí
as suas mãos".

Hoje são assassinados Homens em condições semelhantes.
Continuam a nascer Homens na Galileia, no Cuando-Cubango,
em Trás-os-Montes.
Continuam a matar Homens na Palestina, no Chile, no Vietnam.
Continuam a lavar as mãos em Washington, em Moscovo, em Roma.

B O A S F E S T A S !

Ferreira Marques



Maioria Silenciosa



Maioria Silenciada